



COM O CANTARO CHEIO

(Cliché do distinto amador sr. Antonio Teixeira, da Régua, tirado em Afife, Viana do Castelo).

II SERIE - N.º 684

ASSINATURAS:—Portugal, Colonias portuguezas e Espanha: Trimestre, 1\$90 cty.
Semestre, 3\$75 cty.—Ano, 7\$50 cty.

Numero avulso, 15 centavos

Numero avulso em todo o Brazil, 700 rs.

Ilustração Portuguesa

Edição semanal do jornal

O SECULO

Lisboa, 31 de Março de 1919

Director—J. J. da Silveira Graça
Propriedade de J. J. da Silveira Graça, Ltd.
Editor—Jorge Grave
Redacção, administração e oficinas: Rua do Seculo, 43—LISBOA



DEPILATORIO "VENUS"

**Faz desaparecer instantaneamente
todos os pêlos e o buço.**

Esta nova descoberta, a ultima palavra da sciencia, dá resultados maravilhosos.

Nenhum produto pôde ser-lhe comparado.

Este pó não é caustico. Pôde empregar-se sem receio para a pele mais delicada.

Empregando metodicamente o Depilatorio «Venus», chega-se em breve a destruir o bôlbo e o pêlo não torna a crescer.

A' venda na **PERFUMARIA DA MODA, 5, Rua do Carmo, 7**, o mais artistico estabelecimento de Lisboa, e nas farmacias, drogarias e principaes casas da especialidade em todo o paiz, ilhas e Africa.

Os pedidos para revenda devem ser dirigidos a
AYRES DE CARVALHO, Rua Ivens, 31, Lisboa
sêde dos escritorios e fabrica.



Companhia do Papel do Prado

SOCIEDADE ANONIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

CAPITAL

Ações.....	360.000\$000
Obrigações.....	323.910\$000
Fundos de reserva e de amortisação.....	266.400\$000
Réis.....	950.310\$000

Séde em Lisboa. Proprietaria das fabricas do Prado, Marianala e Sobreirinho (Tomar), Penedo e Casal d'Hermio (Louzã), Vaie Malor (Albergaria-a-Velha). Instaiadas para produção annual de seis milhões de kilos de papel e dispendo dos maquinismos mais aperfeiçoados para a sua industria. Tem em deposito grande variedade de papéis de

escrita, de Impressão e de embrulho. Toma e executa prontamente encomendas para fabricações especiaes de qualquer qualidade de papel de maquina continua ou redonda e de fôrma. Fornece papel aos mais importantes jornaes e publicações periodicas do paiz e é fornecedora exclusiva das mais importantes companhias e emprezas nacionaes

ESCRITORIOS E DEPOSITOS:

LISBOA: 270, R. da Princesa, 276 — PORTO: 49, R. de Passos Manuel, 51

Endereço telegrafico em Lisboa e Porto: Companhia Prado
Numero telefonico: Lisboa, 605—Porto 117

ANEMIA
DEBILIDADE, NEURASTHENIA, TISICA
Todos os Medicos proclamam que
• VINHO • **DESCHIENS** (PARIS)
• XAROPE •
de Hemoglobina
CURAM SEMPRE



Corôas

Onde ha o mais chic sortido e que mais barato vende, por ter fabrica propria, e na **Camelia Branca** L^o D'ABEGOARIA, 30 tao Chiado - Telef. 3270

Institut Quinche

LAUSANNE (SUISSE)

Tendo pessoa de familia que parte em breve para esta cidade, levaria alunos para o mesmo. Para condições e referencias dirige-se a

Gregorio Mascarenhas -- Quinche
AL CANTARILHA

O passado, o presente e o futuro

Revelado pela mais celebre chiro-mante e fisionomista da Europa



Madame Brouillard

Diz o passado e o presente e prediz o futuro, com veracidade e rapidez; é incomparavel em vaticínios. Pelo estudo que fez das clercias, quiromancias, cronologia e fisiologia, e pelas applicações praticas das theorias de Galles, Lavater, Desbarolles, Lambrose, d'Arpenligney, madame Brouillard tem percorrido as principaes cidades da Europa e America, onde foi admittida pelos numerosos clientes da mais alta categoria, a quem predisse a queda do Imperio e todos os acontecimentos que se lhe seguiram. Fala portuguez, francez, inglez, alemão, italiano e hespanhol. Dá consultas diarias das 9 da manhã às 11 da noite em seu gabinete: 43, RUA DO CARMO, 43 (sobre-loja) — Lisboa. Consultas a \$1000 réis, 2\$500 e 5\$800 réis.

Instrução publica

Mais uma vez foi remodelada a instrução publica, em bases inteligentes, com grandes vantagens para os funcionarios, que decerto lhes corresponderão redobrando de zelo. Não se estendeu, porém, a remodelação ao professorado de inferior categoria, ou se a houve não foi de tanto vulto que o incite a maior esforço do que o necessario para o cumprimento literal dos regulamentos que o governam, julgando-se quite para com o Estado, desde que siga o stritamente preceituado.



No entanto, a missão do professor primario não está completamente definida na legislação, talvez porque se deixou ao bom senso de cada um a compreensão d'um dever que não se limita sómente ao ensino, mas tambem, e principalmente, á educação. O material adquirido nos primeiros anos da vida é a base para o que depois ha-de constituir o cidadão; e sendo á escola primaria, a compensar muitas vezes as deficiencias domesticas, que compete o fornecimento d'esse material, não seria de extranhar, antes de louvar, que o Estado indicasse clara e minuciosamente como o professor terá de guiar as crianças.

Lembra-nos, por exemplo, de que, no decreto que ordenou feriado nas escolas por ocasião do centenário de Gomes Freire, se determinou que os professores officaes de primeiras letras explicassem aos seus pequenos alunos o motivo de tal feriado. Pois d'alguns dos mestres sabemos que, por desconhecimento da historia ou por intenção politica, ou se limitaram a mandar sair os pequenos da aula, sem uma palavra justificativa do facto, ou com jocosa expressão lhes communicaram que se festejava n'esse dia um nome fracamente recomendavel.

E' de aconselhar melhor auxilio áqueles «modestos servidores do Estado», como soe dizer-se, mas não deixa de ser util o exigir-se-lhes que bem sirvam a Republica.

A reforma do calendario

Parece que uma das questões a tratar no conselho inter-aliado é nem mais nem menos do que a conveniencia de reformar o calendario actual, que, como se sabe, é o Gregoriano e ao qual se attribue o enorme inconveniente de considerar a Pascoa como data movel.

Esta consideração religiosa, por mais que a pretendam tornar profana, parece-nos demasiadamente infantil nos tempos de positivismo que atravessamos, para não a taxarmos com vocabulo de menos suavidade.



Cronologicamente, por mais resmas de papel que os sabios tenham gasto em calculos transcendentales, ainda se não encontrou maneira de determinar um quociente inteiro, dividindo o tempo d'uma translação completa da Terra pelo tempo de uma rotação do mesmo planeta em volta do seu eixo.

E' verdade que n'uma opereta celebre um dos nossos mais festejados autores de comedia aventou a idéa de se azeitarem o eixo do globo

terraqueo n'uma das suas extremidades; mas cremos que o problema nem d'esse modo ficaria resolvido, visto que o que se torna necessario é emperrar o dito eixo, dificultando-lhe o movimento e não diminuindo-lhe o atrito.

Emfim, não terá a conferencia conseguido pequeno triumpho se ao menos resolver este assunto com satisfação geral, em compensação de muitas outras resoluções que hão de descontentar a maioria.

Inspiração tardia

Com 87 anos de idade morreu em New-York uma senhora chamada Amilia Barr, inglesa de origem, que foi para a America aos 19 anos e que, tendo perdido o marido aos 50 e ficando com filhos a sustentar, lançou mão do officio das letras e escreveu até aos 87 anos 46 livros, que a tornaram celebre e rica.



Estamos em que se a dita senhora tivesse nascido em paiz latino, nunca idéa semelhante lhe ocorreria. N'estes, a julgar pelo que mais é do nosso conhecimento, a inspiração brota com muito mais precocidade e murcha muito antes da época em que Amilia Barr se estreou na carreira literaria. Aos 15 anos fazem-se versos e aos 30 desfazem-se. Além d'isso, ainda mesmo que a necessariade espreitasse a chama d'um cerebro já encorticado, os 46 livros que se escrevessem não enriqueceriam senão os editores, o que só muito indirétamente causaria satisfação ao autor e respetiva familia.

E' preciso ser inglês e emigrar para a America para se fazerem milagres d'estes.

Livros

Durante algumas semanas o espaço destinado á *Crónica* tem tido melhor aproveitamento, pelo que está em divida para com alguns autores consagrados e para com muitos estreates. Agora mesmo, dispõe apenas d'uns restos de columna, vendo-se obrigada a substituir as devidas noticias por simples afirmações, sob palavra, que são outras tantas recomendações aos apreciadores de belas-lettras.



Desde já, n'esse proposito, asseguramos que são primores *As mãos da vida*, de Manuel de Sousa Pinto, *Terras do Demo*, de Aquillino Ribeiro, *Ritmos do Teclado*, de Narciso de Azevedo, e *Carta para o Outro Mundo*, de Cruz Magalhães.

Perdoe-se-nos a forçada condensação, pela promessa de mais larga referencia, logo que tal nos seja permitido.

Acacio de Paiva.

(Ilustrações de Rocha Vieira).

O visconde de Castilho



O segundo visconde de Castilho com o retrato de seu illustre pae, Antonio Feliciano de Castilho. (Fotografia tirada na sua casa do Lumiar em 1903).



Na Aldeia da Quinta do Anjo. — O visconde de Castilho na propriedade do seu amigo intimo sr. José Artur Barcia, conversando com Francisco Salvador.



Retrato do visconde Julio de Castilho, tirado em casa do visconde de Sanches de Baena.

O visconde Julio de Castilho morreu na sua tebaida do Lumiar entre os seus livros, as suas recordações e os seus quadros, que ele

tanto amava. Cultor exímio da lingua, literato de boa escola, compondo o verso e burilando a prosa com requintes de artista, o primogenito de Antonio Feliciano, o cego que via, considerava-se um deslocado na profissão das letras, convencido de que não era a pena mas a paleta a sua vocação... Tinha o culto fervoroso do pae, do que dão testemunho as *Memorias* piedosamente redigidas nas mínimas minucias e que foram vindo a lume, em anos sucessivos, nas paginas do *Instituto de Coimbra*. Esse culto, porém, traduzia-se ainda sob outro aspéto: o da pintura do retrato do poeta de *Amor e melancolia* e que na sua biblioteca ocupava o lugar de honra. Duas imagens de Antonio Feliciano de Castilho ali vimos pintadas pelo visconde Julio e, se não constituem obras-primas, revelam a intensidade incomparavel e inexcedivel d'aquela amor filial que poderia propor-se como perfeito modelo. O autor das *Manuelinas* pintou de cór,



Julio de Castilho na casa de jantar da sua residencia no Lumiar.

(Clichés do distinto amator sr. José Artur Barcia).

mas, n'um dos quadros, quiz que as mãos fossem copia do natural ou, pelo menos, feitas sobre fotografia das suas proprias e um amigo diléto, o sr. Barcia, o fotografo amator a quem a arqueologia olisiponense deve relevantes serviços, ofereceu-se para lh'as fotografar. Julio de Castilho detestava tudo quanto parecesse exhibicionismo. A custo, ou sem que o suspeitasse, foi possivel fotografal-o e quando na imprensa se estampava algum retrato seu ficava contrariadissimo. Apenas o sr. Barcia, á força de paciencia, ou por via de estratagemas, logrou reunir um série de documentos iconograficos relativos ao grande historiador de *Lisboa antiga*.

Varios especimens, os principaes, enriquecem hoje as paginas da *Ilustração Portuguesa*. Ao fotografar as mãos do escritor, o seu amavel e dedicado amigo pensou, sem que ele reparasse, em tirar lhe um bom retrato. Julio de Castilho teve a suspeita de tal e quando o sr. Barcia destapava a objéctiva moveu



Casa onde faleceu Julio de Castilho, na travessa do Prior, ao Lumiar. Assinalada pela cruz vê-se a janela do quarto onde se finou o insigne homem de letras.

(Cliché do amator sr. Ferreira Braga, que gentilmente o cedeu para a *Ilustração Portuguesa*).



Sr. José Artur Barcia, distinto amator e um dos maiores amigos do segundo visconde de Castilho que teve a habilidade de conseguir fotografar este grande homem de talento, que era extremamente refratário a toda especie de exhibicionismo.—2. Outra fotografia do segundo visconde de Castilho.

o rosto para que ficasse desfocado... Cada uma das preciosas fotografias tem a sua interessante historia. Certa tarde, em que o visconde Julio estava bem humorado, o fotografo alvitrou que ele podia retratar-se «á Vieira Lusitano». Castilho consagrava a maior admiração ao pintor, narrara-lhe os amores n'um delicioso livro, colecionava-lhe os

desenhos e as reproduções dos seus quadros — e acquiesceu. Eis a origem da fotografia em que ele aparece segurando um retrato de seu pae. O mestre-escritor que viveu para o culto dos mais rigidos e austeros principios era de uma sensibilidade moral quasi morbida e de uma inteireza de caracter e de uma humildade cristã que os tempos de hoje não entendem. Penetrar na sua casa modestissima é adivinhal-o e comprehendel-o. Julio de Castilho, por disposição testamentaria, quiz ser sepultado, envolto em um lençol, de corpo á terra. Repeliu corôas, flores, anuncios, pompas, discursos. Respeitaram-lhe a extrema vontade. Resta que lhe honrem tambem a memoria illustre e a melhor maneira de honral-a consistirá na publicação dos seus ineditos e de novas edições populares das suas obras — que nunca lhe produziram lucros materiaes porque não sabia valorisar pecuniariamente esses admiraveis lavôres. O insigne literato, que enriqueceu a sua livraria anotando os tomos que a compunham, corrigindo-lhes erros e juntando-lhes esclarecimentos que eram o fruto de um assiduo estudo de longos anos, reunindo a cada volume que lhe ofereciam a copia da carta que dirigiu, com o agradecimento ou com a critica, ao autor, — merecia que lhe consagrassem uma sala na Biblioteca Nacional de Lisboa, onde ficas-



O visconde Julio de Castilho com o seu cão favorito, tendo á esquerda o seu amigo intimo sr. Barcia.



Julio de Castilho no pátio da Quinta do Anjo, propriedade do seu grande amigo sr. José Artur Barcia.

sem, também, os albuns familiares que convinha que não saíssem do paiz e que possuem um valor incalculavel para a historia dos Castilhos. N'essa nova sala seria igualmente o logar da olisiponiana e de outras preciosas colleções a que o solitario do Lumiar tanto carinho consagrava.

Sobre os documentos iconograficos hoje publicados pela *Ilustração Portuguesa* e que devemos á gentileza do sr. Barcia, cumpre acrescentar que foi em 1908 que Julio de Castilho visitou pela primeira e ultima vez a vila e o castelo de Palmela na companhia d'aquelle seu amigo, hospedando-se na quinta do Anjo, a tres kilo-



○ Ex-libris do Visconde de Castilho, que é o autor do desenho.



O segundo visconde de Castilho na Quinta dos Azulejos, no Paço do Lumiar.

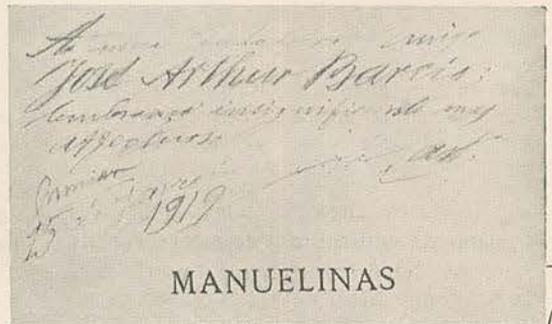


Na Aldeia da Quinta do Anjo.—A passagem do tradicional cirio, que ha muitos anos não se realisa. Ao fundo o pátio da casa do sr. A. Barcia.

metros da vila, e trazendo as melhores impressões do povo do logarejo a que a mesma quinta deu o nome.



A Casa da Quinta do Anjo, onde o filho de Antonio Feliciano Castilho esteve nas noites de 29 a 30 de julho de 1908.



O ultimo autografo do Visconde Julio de Castilho

(Clichés do sr. José Artur Barcia).

ESCOLA-ASILO PARA CEGOS



O chefe do Estado á saída do Asilo de Mendicidade, após a cerimonia do lançamento da primeira pedra do edificio da Escola-Asilo para cegos. No segundo plano (1) o sr. Dias da Silva, ministro do Trabalho, despedindo-se do ajudante do sr. presidente da Republica e (2) o director do Asilo.

O lançamento da primeira pedra do edificio da Escola Asilo para cegos foi realizado com um simples mas altamente significativo ceremonial, assistindo o sr. presidente da Republica, que se fez acompanhar do titular da pasta do Trabalho. Foi especialmente o ministro socialista e o seu secretario sr. dr. Sobral de Campos que conjugaram esforços para a construção do novo instituto de assistência, cuja falta de ha muito se fazia sentir, conseguindo assim tambem minorar d'alguma forma a crise de trabalho que se vem acentuando, no que o sr. Dias da Silva está particularmente empenhado.

O illustre chefe do Estado elogiou o plano da edificação, que esteve examinando detalhadamente, e louvou o sr. dr. Sobral de Campos pelo auxilio e esforços prestados n'aquela obra de assistência social.



O sr. Canto e Castro saindo do Asilo da Mendicidade, acompanhado do dr. Sobral de Campos, secretario do ministro do Trabalho e director d'aquelle estabelecimento de beneficencia.

(Clichés A. Franco).

Exposição Joaquim Lopes

JOAQUIM Lopes, moço pintor portuense, foi uma revelação para Lisboa. Não veio precedido do clangor das



do e brilhante, a despeito dos seus desequilíbrios, das imperfeições de certos trabalhos, das inferioridades e dos erros cometidos— e que são apenas o fruto da ansia de ganhar depressa um

Quadro n.º 11 «Sob os Arcos da Ribeira».

t u b a s reclamativas não trouxe

cartas de recomendação para os jornaes, mas quasi venceu desde que abriu as portas da sua exposição que representa alguma coisa de belo e de prometedor. O ju-

bilo da critica desapaixonada foi profundo e sincero. As indecisões de Joaquim Lopes, que está no inicio de uma carreira triunfal, não encobrem as afirmações admiraveis do seu talento, cheio de espontaneidade e de viveza. A paisagem, a figura, a côr, a luz, a sombra teem n'ele um já surpreendente artista, arroja-

posto que lhe está absolutamente assegurado. Quem o garante? O que de bom se encontra na exposição do palacio da rua Barata Salgueiro, e que é bastante para que se retenha o nome do artista juvenil que haremos de ver glorificado um dia, impoz-se ás atenções da critica que foi prodiga em justos aplausos e em incitamentos sinceros. No meio das perturbações politicas e dos embaraços de ordem social e economica que as circunstancias internas e internacionaes crearam, ainda ha quem cultive apaixonadamente a arte, ainda ha quem prometa, pelo seu talento e pela sua perseverança, dignificar o nome do seu paiz com a dignificação do seu próprio nome. O que é preciso é que quantos podem, pela sua fortuna e pelo seu bom gosto, patrocinem quem assim começa.

Sr. Joaquim Lopes, o primeiro artista portuense que realisa na Sociedade Nacional de Belas Artes a sua exposição de pintura a oleo.



Quadro n.º 59 «Um trecho do povoado»



Quadro n.º 2 «Farniente»

Exposição Higino Mendonça

HIGINO

Mendonça, antigo jornalista e homem de letras, crítico de arte e dramaturgo, vem dedicando-se, há anos, com fervoroso culto, á pintura, e acaba de inaugurar mais uma exposição dos seus

trabalhos no palacio da rua Barata Salgueiro. Trabalhador infatigavel na idade em que outros se entregam ao repouso ou ao desfruto da gloria quando não da fortuna, este artista não dá descanso aos seus pinceis e, percorrendo o pa'z, com olhos de vêr e alma de sentir, tem fixado nas suas telas e nos seus cartões paisagens e marinhas, onde as nossas aguas e os nossos ceus se espelham com verdade, sem perda de um pormenor tocante, cariciosos de luz, de um colorido exato e de uma simplicidade de processos que constitue um dos melhores titulos do pintor. O publico visitou com interesse e simpatia a exposição de Higino Mendonça e adquirindo-lhe os quadros demonstrou o apreço em que tem a sua obra que, sendo das mais fecundas, é tambem das mais curiosas e por-



Quadro n.º 62 «Azenhas»
Rio Liz.

tuguezas que conhecemos. Este pintor é um exemplo de tenacidade que os que começam não devem perder de



O sr. Higino de Mendonça, que na Sociedade Nacional de Belas Artes realisa a sua 5.ª exposição de pintura a oleo e aguarela.

vista. Nunca o intimidaram os criticos — ele tambem o foi nas columnas das *Novidades* — e, quaesquer que sejam os juizos formulados ácerca da sua obra, prosegue serenamente, corajosamente, sem sombra de desfalecimento, procurando atingir um ideal. . . Nunca é tarde para quem possui os impetus juvenis, o amor da profissão, a confiança no exito que constituem virtudes primaciaes em Higino Mendonça. Reproduzimos aqui os trabalhos que n'esta exposição mais festejados foram.



Quadro n.º 33 «O Lavadouro Velho»—Caldas da Rainha



Quadro n.º 34 «Marinha»—Tejo

(Clichés A. Franco).

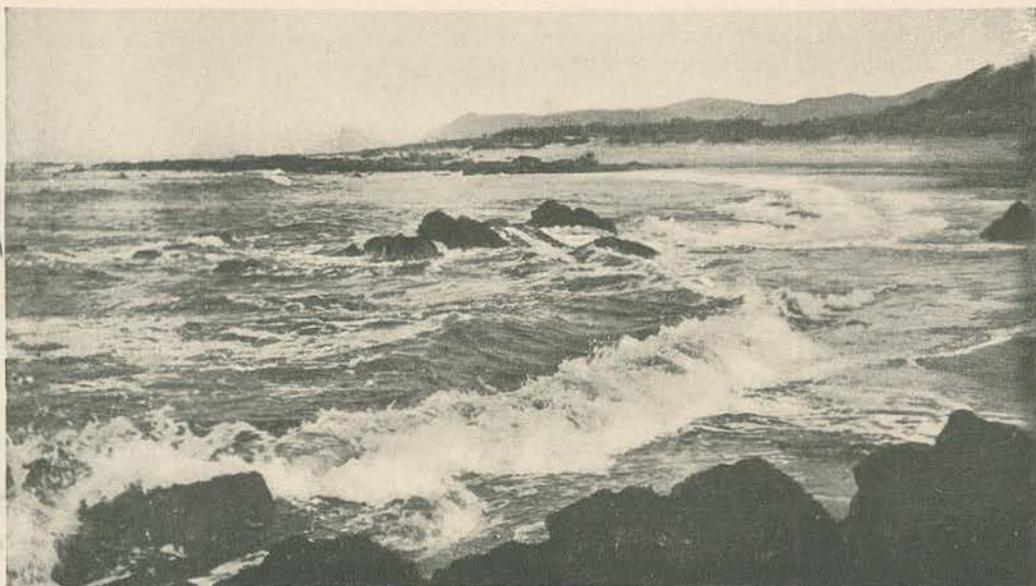
Fotografias artisticas



Em Viana do Castelo.—Um trecho do mar



1. *Em Afife. Viana do Castelo.—No Campo.*—2. *Em Viana do Castelo.—Vista do porto, veído-se também á direita da fotografia a fortaleza.*



Um aspéto do mar em Afife, Viana do Castelo
(Glíchs do apreciado colaborador da *Ilustração Portuguesa*, sr. Antonio Teixeira, da Régua).

Em defeza da Republica



1. Os alistados da S. I. M. P. n.º 1 que fizeram serviço na estação de Barca d'Amieira. Da esquerda para a direita, sentados. Armando F. d'Andrade, Alfredo Ferreira, Manuel Pinho, comandante da diligência; Manuel Alonso e Humberto Gomes. De pé: J. Guerra, A. Bernardino, M. Almeida Junior, J. Ferreira, A. Nogueira e R. Taborda—2. Alistados da I. M. P. do posto de Cerdeira do Cõa. Da esquerda para a direita no 1.º plano: Ruivo, Martins, Fonseca. 2.º sargento comandante do posto; Santos e Brito. No 2.º plano: Nunes, Dias, Silva e Maldonado.



3. Grupo de revolucionarios civis da freguezia de S. Nicolau, do Porto, que mais se distinguiram no assalto ás prisões em defeza dos presos politicos republicanos. Da esquerda para a direita, no 1.º plano: J. Monteiro, grumete, e A. Costa. No 2.º plano: A. Nascimento e J. Pereira.—4. Grupo de alistados da S. I. M. P. n.º 12. Da esquerda para a direita, sentados: M. Pinto, M. Samarão e A. Ribeiro. De pé: D. Abreu e F. Tapado.—5. Dois alistados da S. I. M. P. n.º 1 em serviço de vedetas em Barca de Amieira.



6. Grupo de cabos e soldados que se bateram pelas instituições republicanas, vendo-se no grupo tambem os filhinhos do comerciante em Barcelos sr. Manuel C. da Fonseca.—7. Sr. Heitor Caetano d'Oliveira, que tomou parte ativa na contra-revolução republicana do Porto, tendo á frente d'um grupo de revolucionarios civis, tomado a artilharia que estava em cavalaria 9 e

no Palacio de Cristal, depois de ter feito aderir á Republica o regimento de infantaria 6.—7. Motociclistas que prestaram serviços junto da columna de marinhas que no norte combateu os couceiristas. Da esquerda para a direita os srs. Raul Belmonte, mecanico civil, e Faustino da Fonseca, primeiro sargento condutor de maquinas. (Cliché A. Franco).



1. Vista de Celorico da Beira, vendo-se no primeiro plano um trecho da ponte de Juncaes, onde se travou um renhido combate.—(Cliché do distinto fotografo de Celorico da Beira sr. Alfredo Mendes).
2. Pessoal de enfermagem da Cruz Verde, que prestou serviços junto das tropas em operações. Da



esquerda para a direita, no primeiro plano; M. Leitão, J. Gambôa e M. Saragoça. Na carruagem: F. Peyssaudau, J. Menezes e M. Domingues. Na fotografia vê-se tambem um rapazito que acompanhou a coluna sanitaria.—(Cliché do sr. José Gambôa).—5. No Porto.—O povo assistindo, na praça da Batalha, á passagem das tropas recém-chegadas de Lis-



boa para a defeza da Republica e restabelecimento da normalidade no norte do paiz.—4. Sargentos que fizeram parte do Q. G. das forcas em operações no norte. Da esquerda para a direita, sentados: Simões, Gavassi e Bernardo. De pé: Melo, Garcez, Pinto, Semedo, Costa, Miranda, Sousa e Fernandes.—5. Grupo de officias de infantaria 21, que fizeram parte da coluna do coronel sr. Lima da Veiga, que operou em Traz-os-Montes: 1. Major sr. Carlos Marques, 2. sr. D. João A. S. Quadros, chauffeur voluntario do grupo civil de Trancoso, 3. a 6. alferes srs. Augusto de Carvalho, Matoso Pereira, Abel Moreira e Conceição Gomes.

Tropas d'Africa Ocidental



Silerio Fernandes Vaz, 2.º sargento miliciano d'infantaria.



Amadeu Sousa Canavarr, 2.º sargento d'infantaria.



1. O destacamento inglez da residencia anglo-portuguesa de Namakunde, na Africa Ocidental, do comando do tenente mr. Morony. 2. Augusto da Silva Machado, 2.º sargento de infantaria. 3. Carollho José, 2.º sargento de infantaria. 4. Recção na residencia anglo portuguesa de Namakunde ao comandante do Baixo-Cunene. Passando em revista a guarda d'honra constituida por soldados portugueses e inglezes. Da esquerda para a direita, no 4.º plano: major mr. Faislle, residente inglez; coronel sr. Amaro Dias da Silva Junior, comandante do Baixo-Cunene; tenente sr. Antonio Q. Flores, residente portuguez, e sr. Elvino de Brito, interprete. No segundo plano: o comandante do destacamento inglez.—(Clichés do amator sr. Teles Grito).



5. Joaquim José Batão, 2.º sargento de infantaria. — 6. Sebastião Centeno Batista, 2.º sargento de infantaria.



5. Joaquim José Batão, 2.º sargento de infantaria. — 6. Sebastião Centeno Batista, 2.º sargento de infantaria.



7. Grupo de sargentos em comissão na provincia de Angola. Da esquerda para a direita, no primeiro plano: Canavarro, Batista, Santos, Lopes e Machado. No segundo plano: Martins. No terceiro plano: Dias, Monteiro, Araujo, Almeida, Crispiano, Rebelo. Voz e Cordeiro.—(Cliché do amator sr. Rodrigo dos Santos Cordeiro).—8. Outro grupo de sargentos. 1. Abrantes, 2. Repsina, 3. Carvalho, 4. Santos, 5. Pereira, 6. Abreu e 7. Arraiolos.

LUTUOSA

O tenente Antonio Rosa. — O cortejo funebre, que na Régua se realizou acompanhando até á estação do caminho de ferro os despojos mortaes do tenente da administração militar sr. Antonio d'Azevedo Rosa, constituiu uma sentida e imponente homenagem prestada á memoria do desditoso official, que tão rapidamente soubera conseguir a estima dos reguenses.

O tenente Rosa encontrava-se na Régua desde a chegada ali da coluna do commando do general sr. Abel Hipolito, de que fazia parte, tendo-se distinguido em muitas operações militares contra os insurrectos do norte.

Julio Neuparth. — Finou-se em Lisboa o sr. Julio Neuparth, musico distintissimo, compositor de muito merecimento e um dos mais abalizados professores do nosso Conservatorio. Ainda não tinha 56 anos. O



Na Régua.—A passagem do cortejo funebre do tenente sr. Azevedo Rosa, em frente do quartel de infantaria a caminho da estação ferro-viaria, d'onde seguiu para Lisboa.—(Clichés do distinto amador sr. Antonio Teixeira da Régua).



O tenente sr. Antonio de Azevedo Rosa.

extinto fez parte da orchestra do teatro de S. Carlos como primeiro violino e muitas das suas composições conseguiram tornar-se populares, como succedeu a alguns fados cantados por artistas liricas, como Rosa de Vila e Maria Galvany. Era um excelente character, pelo que a sua morte foi muito sentida.



O sr. Julio Neuparth



Sr.^a D. Maria do Rosario Pereira da Conceição Fonseca.

D. Maria Fonseca. — Sepultou-se no cemiterio d'Ajuda a sr.^a D. Maria do Rosario Pereira C. Fonseca, estremosa mãe do nosso amigo sr. Antonio Justino da Fonseca, inteligente inspetor das oficinas do *Seculo*, a quem enviamos os nossos sentimentos. O funeral foi muito concorrido, encorporando-se n'ele o nosso amigo sr. Pereira da Rosa, sub-dirétor do *Seculo*.



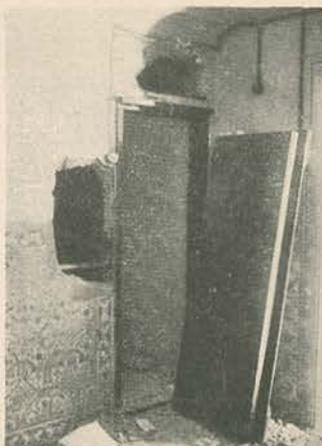
1. Sr. José dos Santos Nunes, bacharel formado em medicina e alferes miliciano d'artilharia, falecido em Caxias.
2. Sr. João Antonio Margalho, procurador judicial, falecido em Extremoz.—3. Sr.^a D. Ilda Vasconcelos Silva Carvalho, esposa do proprietario e farmacutico sr. Antonio Sant'Ana Carvalho e filha do capitão do Q. A. A. A extinta era proprietaria em Lagos onde faleceu.—4. Sr.^a D. Mariana Ferreira Lima Castro e Sousa, esposa do sr. José Melitão Poças de Castro e Sousa, official do governo civil de Beja, falecida em Lisboa após uma melindrosa operação cirurgica.—5. Sr. Joaquim da Costa e Silva, professor official de Buarcos, onde era muito estimado e ali falecido.—6. Sr. Jacob d'Oliveira, antigo commandante da marinha mercante e empregado superior da Exploração do Porto de Lisboa, falecido n'esta cidade, onde era muito estimado e a sua morte foi muito sentida.

O assalto ao Gremio Luzitano



ESTIVERAM patentes ao publico as salas do Gremio Luzitano, que no ano passado foram assaltadas por uma turba de vândalos que tudo escangalharam.

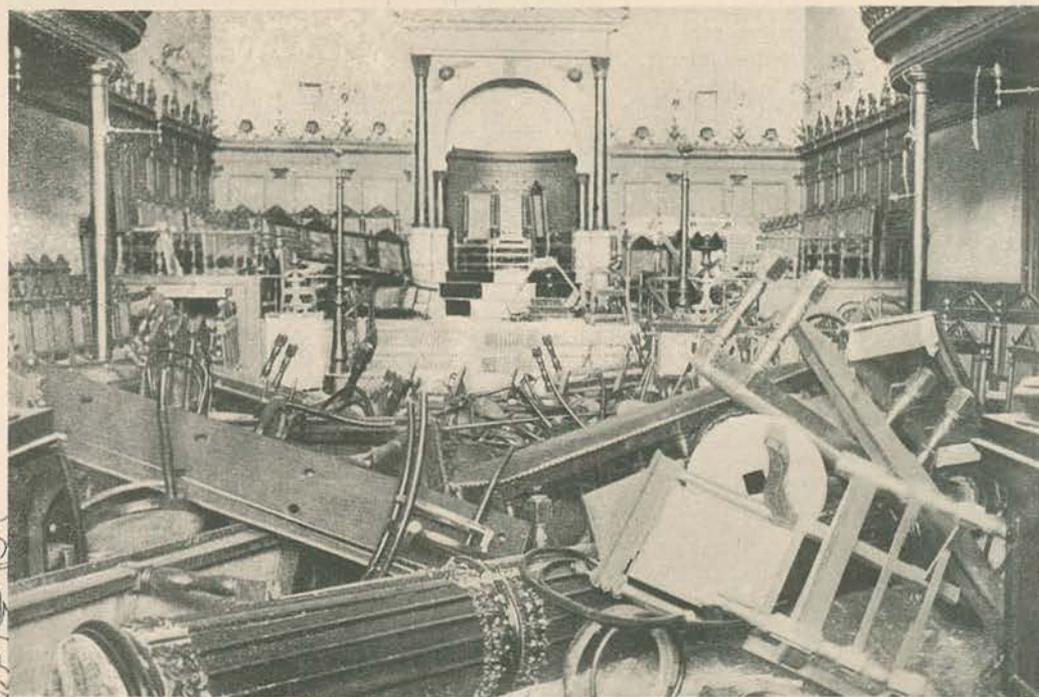
As varias lojas maçonicas que ali tinham a sua sede foram cruelmente invadidas e os seus templos



Um grupo de membros do Gremio Luzitano, vendo-se o sr. Luiz Filipe da Mata (+) entre os adidos militares inglez e americano, maçons entusiastas, e aos quaes o Gremio deveu, n'esta conjuntura, assinalados serviços.

arrazados, parecendo ter por ali passado um enorme furacão que tudo derruiu.

A sala de bilhares, a dos jogos de vasa, o restaurante e a secretaria que ocupavam o primeiro pavimento, não tinham um movel que não tivesse sido tocado pelos criminosos



2. A entrada da casa cofre, que foi tambem violentamente arrombada e d'onde retiraram, entræ muitas outras coisas, os retratos dos associados —3. Um aspêto da sala das sessões após o assalto.

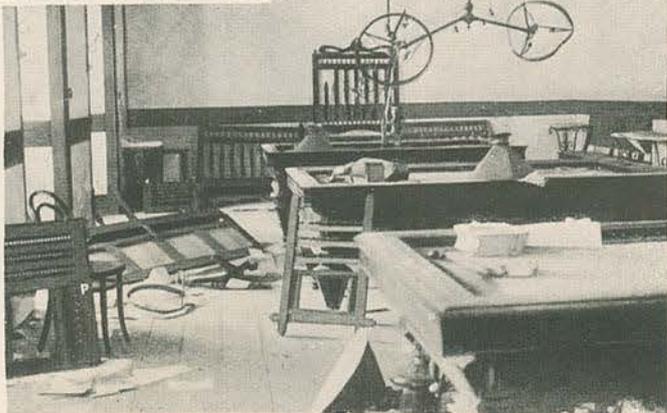


O arquivo onde ao furor selvático dos assaltantes só escapou o grande armário da Loja Acacia, que, apesar d'isto, sofreu uma violenta tentativa de arrombamento.

assaltantes, aos quaes não escapou tambem a casa forte, que foi violentamente arrombada, na esperança, talvez, de ali se encontrar algum tesouro.

No segundo pavimento, onde se ergue o magestoso salão das reuniões magnas da maçonaria, salão amplo, de caprichosas colunas e vasta galeria, tudo estava n'um montão de ruínas, vendo-se preciosas telas de ricos e antigos quadros completamente deteriorados pela sanha feroz dos bandidos que coisa alguma respeitaram. A unica sala que pouco sofreu foi aquella que n'este mesmo pavimento occupa o templo da loja Elias Garcia, muito viva na côr encarnada das suas paredes e nos estofos dos seus suntuosos *fautueils*.

No terceiro pavimento, a Biblioteca so-



Um aspéto da sala do bilhar



Uma das galerias, onde não ficou um só vidro inteiro
(Clichés A. Franco).

freu muitos estragos, vendo-se rimas e rimas de livros espalhados pelo chão, o mesmo acontecendo aos arquivos de todas as lojas, que foram arrombados, espalhando-se tambem pelo sólo tudo o que continham.

Tudo que era de vidro foi partido, os canos de gaz arrancados e roubados, os candieiros da electricidade completamente inutilizados, dos moveis nem um ficou inteiro, enfim, tudo destruido e arrazadoi As pessoas que viram to-

dos aqueles destroços não deixaram de condenar o criminoso vandalismo, censurando as autoridades que dêram tempo aos assaltantes para cometerem a sua torpissima proeza.

Os prejuizos são importantissimos.

EXPOSIÇÃO JOSÉ LEITE



A magnífica exposição de pintura a óleo do sr. José Leite, discípulo do sr. Carlos Reis, que este ano se inaugurou no Salão Bobone, vem confirmar as admiráveis qualidades artísticas do distinto paisagista.

Este, que já nos «certamens» anteriores a que concorrera, conseguiu pelo seu talento um lugar de subido destaque, patenteia-nos, graças á magia do seu pincel, como sabe sentir e amar toda a beleza natural que a seus olhos se lhe ofereceu. As suas paisagens, sobretudo, são simp'emente encantadoras, animadas de uma luz suave ou nubladas

por sombras evocativas, d'uma grande ternura e d'uma invulgar amenidade, sendo em quasi todas as suas obras estes efeitos de luz trabalhados com um ri-

gor que seduz e nos impõe admiração pelo ilustre pintor. Também agradaram muito as marinhas, em que José Leite caprichou no colorido, devendo citar-se em especial dois belíssimos crepusculos no rio Douro, tratados com extremo cuidado.

Não desmereceu, pois, esta exposição das realizadas nos anos passados, antes se apresenta deveras aperfeiçoada com a variedade e colorido dos quadros expostos.



Sr. José Leite



2 e 3. Alguns dos mais belos quadros do distinto pintor José Leite
(Clichés A. Franco).

VOUZELA

VOUZELA, a antiga capital de Lafões, é, sem duvida, uma das mais formosas vilas da Beira Alta.

O seu nome provém de ser situada entre os dois rios Vouga e Zela, passando-lhe aquele ao norte e este ao sul.

Foi patria de D. Duarte d'Almeida, o decapeado da batalha de Tóro, e de S. Frey Gil, ascendentes dos no-



A feira mensal de Vouzela, que data de 1315 e foi concedida por mercê d'el-rei D. Diniz. Hoje realisa-se na primeira quarta-feira de cada mez, sendo um dos mais conhecidos mercados de cada mez.

duos gados, cereaes e vinho.

Tem ao nascente o monte do Castelo, de uma altitude extraordinaria, ao cimo do qual se encontra a ermida sob a invocação de *Nossa Senhora do Castelo*, que se festeja em 5 d'agosto de cada ano.

D'este monte descobre-se um vasto e lindo panorama, vendo-se uma grande parte da bacia



A grande ponte da linha ferrea do Vale do Vouga, que durante a revolução monarchica esteve constantemente guardada pelos civis d'esta vila, que se conservaram fieis ás instituições republicanas.—2. Dois dos arcos da grande ponte que conduz á povoação de Vilharigues, sobre o local onde se realisa a tradicional feira de Vouzela.

bres titulares, condes de Tarouca, e berço do grande estadista, conselheiro Moraes Carvalho, cuja memoria está ali perpetuada n'uma estatua em marmore, a primeira que foi levantada no distrito de Vizeu.

Era outr'ora uma das melhores comarcas do paiz e, tendo sido desanexados d'ela os concelhos de S. Pedro do Sul e Oliveira de Frades que, por influencias politicas, passaram a ser sédes de comarca, é ainda hoje uma das melhores de todas tres.

Compõe-se de 12 freguezias, algumas das quaes populosas e ricas, sendo os seus principaes pro-

do Vale do Vouga.

A nascente d'este monte existe um outro, de maior altitude ainda, onde se diz que viveu o rei Cid Alafun.

Ao sul vê-se o monte do Gamando, tambem de grande altitude, que domina Vouzela e uma parte da freguezia de Ventosa.

Ao poente existe o Monte Cavallo, um dos melhores recursos da pobreza de Vouzela, que é



A capela de Santo Amaro com o seu arruinado castelo roqueiro, de que se aproveitou parte da pedra para a construção d'aquella capela, vendo-se tambem um trecho da povoação de Vilharigues. Vista tirada do poente.

a travessado pela linha do Vale do Vouga, e o monte de Vilharigues, ao cimo do qual estão a capela do Santo Amaro e um antiço castelo ro-



A capela de Santo Amaro, com o velho castelo roqueiro adjacente—O Castelo da Vilharigues—propriedades dos srs. Condes de Tarouca. Vista tirada do nascente.



A igreja matriz de Vouzela, templo historico muito admirado pela sua antiguidade e arquitetura. Supõe-se que houvesse sido construida nos principios da nacionalidade portugueza, attribuindo se a sua fundação aos religiosos Templarios.

queiro, propriedades dos nobres Condes de Tarouca.

Tem Vouzela bons e historicos edificios, como a igreja matriz, a ponte romana sobre o Zela e importantes obras d'arte como a grande ponte do caminho de ferro do Vale do Vouga, que tem sido muito admirada.

Uma senhora muito modesta, que deseja occultar o seu nome e que nos inspira as mais vivas simpatias pelas nobres qualidades e sentimentos que enaltecem o seu coração e a sua alma bem formada, teve a amabilidade de oferecer-nos cinco fotografias com



A historica ponte romana sobre o rio Zela, perto da sua confluencia com o rio Vouga.

vistas de Vouzela, que pedimos para serem publicadas pela *Ilustração Portuguesa*, a quem muito agradecemos a publicação d'esta ligeira referencia a Vouzela, que vem a proposito, porque foi esta vila uma d'aquelas que mais valiosos serviços prestou á causa republicana nos ultimos acontecimentos.

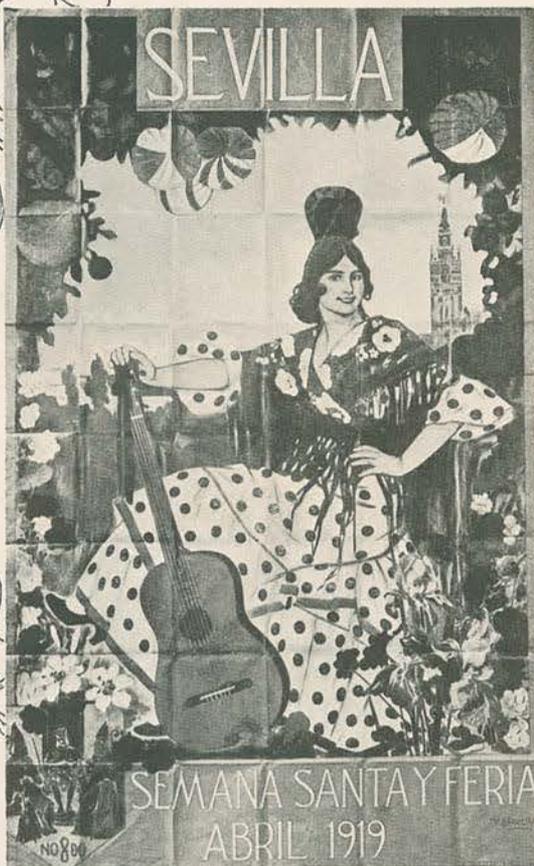
Ali ha o verdadeiro patriotismo e, sobre tudo, o respeito pelo regimen legalmente constituido e pelas suas leis.

Jayme.



A ponte da Foz (proximo da foz do rio Zela) sobre o rio Vouga e um trecho da pitoresca paisagem que o margina. Esta ponte liga, pelo lado do norte, o concelho de Vouzela ao de S. Pedro do Sul.

(Clichés d'uma distinta amadora, obsequiosamente enviados á *Ilustração Portuguesa* pelo sr. Luiz Ribeiro da Cruz, de Vouzela).



Cartaz anunciador das festas da Semana Santa em Sevilha, a realizar em abril proximo, que este ano prometem revestir um particular brilhantismo.



Sr. José da Silva Suspiro, 1.º sargento condutor de maquinas da marinha de guerra colonial em serviço na India, onde afanosamente se tem entregue aos estudos de uma maquina modelo, que terá uma alta importancia



Grupo dramatico «Colmeia Belberense», que em Belver tem levado a effeito algumas recitas, cujo produto reverte a favor da instrução e da beneficencia locais. Da esquerda para a direita, sentados: Americo Barata, Antonio Saco e Sebastião Marques. De pé: Alexandre Mendes. Antonio Lopes Serrão (caracterizador), Armando Correia Louro (ponto) e José Beirão.



1. A direcção do «Mealheiro Reserva do Futuro» e os homenagenados a quem foi dedicada a sessão solene ali realisada. No primeiro plano,

da esquerda para a direita, os srs.: Francisco Ramos Coelho, director da Exploração do Porto de Lisboa e Alvaro Mayer, chefe dos serviços. No segundo plano, os srs.: Artur Pires Gonçalves, José Antonio Mira, João Carvalho, Antonio Pereira e Cassiano Ferreira.—2. Grupo de socios do «Mealheiro Reserva do Futuro», fundado pelo pessoal dos depositos e officinas da Exploração do Porto de Lisboa, que ali realisaram uma sessão solene de homenagem aos seus superiores, devotados amigos d'aquella instituição de previdencia.



Regojiso no Funchal pela vitoria da Republica



1. A força militar que se incorporou na grande manifestação em homenagem aos defensores da Republica.—
2. O cortejo, que percorreu algumas ruas da cidade, a caminho da Pontinha, onde estava fundeada a canhoneira Beira.



Funchal foi lido um patriótico discurso em que pondo em relevo os assinalados serviços prestados á Patria e á Republica pela marinha de guerra se verberou o inqualificavel procedimento dos monarchicos em contraste com a acentuada benevolencia dos governos republicanos

TAMBEM no Funchal a noticia da vitoria da Republica causou o li-rante contentamento. Após a recção dos primeiros telegramas organisou-se uma grandiosa manifestação que, em constantes aclamações se dirigiu á Pontinha, onde, a bordo da canhoneira *Beira*, por um dos mais cotados republicanos do



3. A organização do grande cortejo na Avenida dr. Manuel Arriaga em que tomaram parte duas bandas de musicas.—4. Leitura do patriótico discurso a bordo da canhoneira «Beira.»—(Cliches dos fotografos do Funchal, srs. Perestrelo & Filho).

A opera cinematografica:

“TOSCA”



Uma das scenas mais emocionantes da «Tosca»

No Olympia, o elegante cinema de Lisboa, está em exibição uma das ultimas novidades do estrangeiro: A opera no cinema. Iniciou a série d'estes novissimos espectaculos a *Tosca*, o velho drama de Sardou, que agora tem como principal interprete a divina actriz Francesca Bertini.

A musica foi arranjada pelo distinto maestro concertador D. José Benot, tendo sido a orquestra aumentada para bôa execução da difficilima partitura.

Dados os enormes encargos que á empreza acarretou este *film* excepcional os preços fôram aumentados da seguinte fórmula :

EM “MATINÉES”

Plateia **400 réis**

Balcão **700 réis**

E EM “SOIRÉES”

Plateia **500 réis**

Balcão **1\$000 réis**

PÕ DE ABYSSINIA EXIBARD
 Sem Opio nem Morphina.
 Multo eficaz contra a
ASTHMA
 Catarrho, Oppressão
 35 Anos de Bom Exito.
 Medalhas Ouro e Prata.
 E. FERRÉ, BLOTIERE & C^{as}
 6, Rue Dombasle
 PARIS
 & SOAS PHARMACIAS

Preço: 3 centavos

Suplemento de Moças & Bordados (DO SEculo)

Vêr na proxima quarta-feira o

DISCOS Ó al 6 linda—
 Fado do Civilco — Fado do
 Pão de lito —
 Batuque Brasileiro — Hino
 Americano — Duqueza de
 Bal Tabarin
CHEGOU NOVA REMESSA
 R. das Galinheiras, 4
VITORINO E. CORREIA



Trabalhos tipograficos em todos os generos
 Oficinas da ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA
 43—Rua do Seculo—43

M.^{me} Tula
 Tudo esclarece no passa-
 do, presente e futuro. Con-
 sultas 18000, 28000 e 58000 rs.,
 das 14 às 17 h. **Campo Gran-
 de, 264, 2.^o** Trata-se por
 correspondencia enviando 15
 centavos para resposta.

Perfumaria Balsemão
 141, RUA DOS RETROZEIROS, 141
 TELEPHONE Nº 2777-LISBOA-

Paes e mães Casamentos vantajosos —
 Conseguirão todas as pessoas de am-
 bos os sexos que desejem. N'esta insti-
 tuição se encontram inscritas senhoras, senhoritas e cavalheiros
 de todas as camadas sociais e com fortuna de 5 a 500 contos.
 Atualmente, entre outras, citaremos menina uruguaiana, orfã in-
 dependente, descendente de brasileiros, elegante e instruída, do-
 tada com 100 contos. Esta instituição tem realizado importantes
 casamentos e outros muitos que já estão em relações directas. Os
 pretendentes podem dirigir-se franqueando resposta a **Matrimo-
 nial Club of New-York**, no PORTO. Responde-se a todas as car-
 tas e guarda-se absoluta reserva.

Colares "Viuva Gomes"

— A MAIS VELHA MARCA
 DE VINHOS DE COLARES

Unica premiada com "GRAND PRIX"

SUCURSAL EM LISBOA: SEDE
 Rua Nova da Trindade, 90 Colares-Almoçageme
 Teletone 1644

Academia Scientifica de Beleza *Directora Madame Campos*
 Avenida, 23 — Lisboa Telephone 3641
A'S SENHORAS

Quem experimentar os produtos d'esta acreditada *Academia* não deixará jámais de usa-los, porque nin-
 guem os produz melhor nem com tão brilhantes resultados, como é atestado pela sua numerosa clientela,
 para comodidade da qual abriu depositos em Lisboa: *Salão Mimosa*, rua Augusta, 282; no Porto: *Perfu-
 maria Gardentia*, rua 31 de Janeiro, 229.

Estão desde já á venda os seguintes productos:—*Crema Rainha da Hungria*, dá á pele a mais fina alvura, tornando-a aveludada, é maravilhoso para o cieiro, doenças de pele, etc. *Crema de Concombro*, sem rival para a beleza da pele. *Crema de Cysne*, branqueia naturalmente as mãos, pescoço e braços, dando-lhe um aveludado encantador. *Crema de Liz*, especial para pele gorda. *Crema d'Acacia*, para pele gorda e luzidia. *Crema de Ninon*, dá á pele a côr e frescura das rosas. *Crema Especial*, para tirar cicatrizes. *Crema Imperial*, para côrar e aveludar os labios. *Crema de Morango*, para pele seca; suavisa e refresca. *Crema Imperatriz*, branqueia naturalmente a pele mais morena. *Crema Jildiziene*, para enrijar os seios. *Crema Antipedicular*, para a hygiene da cabeça. *Crema para emagrecer* geral ou parcialmente. *Crema Val-ker*, para massagem em geral. *Crema Velpeau*, para massagem estetica e contra as rugas. *Crema Ideal*, maravilhoso para curar radicalmente os pêos. *Crema Esmalte*, branqueia a pele dando-lhe uma frescura incomparavel. *Agua Rainha da Hungria*, loção especial para pele oleosa, fecha os poros, evita os pontos negros e as rugas. *Rouge de Vie*, dá á pele um rosado natural que resiste ao suor e á chuva. *Flôr de Rosa-Rouge Liquide*, dá aos labios um rosado natural e duravel. *Beleza das Damas*, tira manchas e sardas. *Agua de Ninon, Especial*, para fechar os poros e côral-os em rosa claro. *Fards de Beleza*, inotensivos; dão á pele um branco ideal. *Agua Misteriosa—Pó a' Arroz Liquido*, especial para o pescoço por não sujar as golas. *Loção, contra as rugas do rosto, pescoço e mãos*. *Fluide Imperatriz*, dá ao rosto um rosado de frescura sedutora. *Leite Virginal*, para branquear a pele; fecha os póros e segura o pó d'arroz. *Agua de toilette*, dispensa os cremes para segurar o pó d'arroz. *Depurativo do Dr. Calbert*, para beleza e frescura da pele. *Topico, contra os raios solares*. *Loção Elétrica*, para desenvolver e enrijecer os seios. *Pilulas do Dr. Calbert—Para enrijecer os seios*. *Xarope Mamilar—Para desenvolver os seios*. *Topico—Para frieiras ulceradas e não ulceradas*. *Loção e Crema contra a pele granulosa e verrugas*. *Crema e Loção Indiana—Faz os pêlos mais finos*. *Loção e Crema Broca—Contra manchas e sardas*. *Crema e Loção—Contra os sinais de bexigas*. *Crema Jild-*

ziene n.º 3—Contra botões, borbulhas, impingens, vermelhidão, eczemas, etc. *Loção e Crema—Contra os pontos negros*. *Loção e Crema—Contra a Vermelhidão*. *Crema e Loção Jildiziene Para fazer nascer pestanas e sobrancelhas*. *Gotas Misteriosas—Para a beleza dos olhos, dando-lhe um brilho incomparavel de sedução e encanto*. *Noir Oriental—Para acentuar e fazer crescer pestanas e sobrancelhas*. *Mesajem—Alonga e escurece as pestanas, dando aos olhos vivacidade, limpidez e encanto*. *Lave do Vesuve—Produto maravilhoso para dar ternura aos olhos, caricia, encanto e doçura de caracter*. *Chá do Dr. Calbert—Faz emagrecer progressivamente*. *Pó d' Arroz Rainha da Hungria—Muito fino e aderente*. *Pó d' Arroz Imperatriz—Muito aderente, faz a pele fina e assetinada*. *Pó de Sarah—Dá ás faces um rosado natural*. *Pó Sodarina—Contra o suor*. *Pó de Mil Flore—Especial para lavar o rosto, perfuma o banho, amacia a pele, combate a gordura e os pontos negros*. *Mascara de Beleza—Para tirar a pele em 8 dias, quando esteja estragada de manchas e sardas*. *Pasta-Crema e Loção—Especial para tirar as rugas dos olhos*. *Pasta d' Amendoas—Para lavar o rosto; substitue os sabonetes*. *Pasta Dentifrica—Maravilhosa para branquear os dentes*. *Respeit Dentifrice—Contra a acidez e gengivite*. *Ellixir Dentifrico vegetal—Anticetico para a beleza e hygiene da boca*. *Ellixir dentifrico Jildiziene—Anticetico dando ás gengivas um rosado natural ideal*. *Mesajem—Para branquear e fortificar as unhas e contra as espigas*. *Pasta Imperial—Para polir as unhas*. *Pó de Venus—Para dar brilho ás unhas*. *Champoo Jildiziene—O mais higienico e economico para lavar a cabeça*. *Champoo Staffe—Liquido para lavar a cabeça*. *Rodal n.º 1—Tonico especial para o cabelo, evitando tambem a caspa*. *Rodal n.º 2—Tonifica o cabelo, tirando em 8 dias a caspa e cura a calvice*. *Tonico Jildiziene—Para curar a calvicie, o mesmo tonico evita que os cabelos embranqueçam e faz côrar em pouco tempo os que já estejam brancos*. *Loção Jildiziene—Para alourar os cabelos sem os pintar*. *Pasta Jildiziene—Faz desaparecer a excessiva gordura dos cabelos*. *Brilhantina Tonica—Evita que os cabelos embranqueçam*. *Brilhantina Jildiziene*. *Brilhantina Ondulante Solido*. *Depilatorio Jildiziene—Tira os pêlos em 3 minutos, voltando sempre mais finos*.

A VISÃO DO TURTURADO

O DEUS DOS SIFILITICOS

DEPURATOL
(Registado em 14 países)



R.V.

Esta gravura representa a Inquisição em todos os seus horrores. Inquisição moderna que tortura e mata horrivelmente um terço da humanidade, sem feiti que lhe valham nem decretos que lhe acudam! Felizmente que para tantos milhões de vítimas dessa negra doença foi há longos anos descoberto por um grande medico e professor alemão um poderosissimo especifico em forma de pilulas e hoje conhecido como, usado e registado em numerosas nações — o *Depuratol* — que tem re-

e purificador de sangue e ainda como o unico tratamento racional, pratico e inteiramente inofensivo e mais que uma boa acção que se presta a uma pessoa amiga e interessada a quem se levo a saude, a vida e o bem estar — é tambem uma grande acção que se pratica pondo assim os seus semelhantes ao abrigo do contagio de tão repugnante e perigosa molestia. Que tenham isto em vista os seus leitores!

SUPLEMENTO
HUMORISTICO DE

O SEculo

O Seculo Comic

Director: ACACIO DE PAIVA

Propriedade de: J. DA SILVA GRACA, Limit.*



Redação, Administração e Oficinas—R. do Seculo, 45—Lisboa

Teimosia universitaria



Empurrando de fóra:

— Não ha maneira da velha me deixar entrar. Bem se vê que a porta é ferrea!



PALESTRA AMENA

Dinheiro!

Já o nosso bom João de Deus dizia que o dinheiro era muito bonito, o maganão, e muito mais coisas a propósito do metal a que chama vil quem o não tem.

Metal, dissémos, e tal dito sugere-nos algumas considerações que passamos a expôr, depois de bem digerirmos a notícia de que vão ser postas em circulação as moedas de ferro, que ha muito se encontram cunhadas.

Vamos, pois, ter metal verdadeiro, genuino, corpo simple, eletro-positivo em relação aos metaloides, quicá com brilho proprio e determinada simpatia pelo oxigenio, para formar bases.

E a sua chegada, para a qual são poucas todas as girandolas da nossa satisfação, vae certamente determinar a retirada do papel, que se nos desfaz nas algibeiras, nos transmite varias enfermidades e nos emporcalha as mãos. Não é—ó não!—o ouro nem a prata, sonoros e refulgentes, mas sendo ferro já tem o seu quê de util e de solido, já serve, pelo menos, para atirar á cabeça d'um parceiro malcriado e para, fundido, se transformar em objetos caseiros, enquanto que o papel nem para limpezas intimas servia, já pela exiguidade das suas dimensões, já porque mais sujava do que limpava.

E' verdade que o ferro tem o inconveniente do peso—já lá julgava o outro, que um quilo de ferro pesava muitissimo mais do que um quilo de papel—mas nem tudo podem ser rosas e não é quando o governo mostra tanta boa vontade em nos favorecer, que o devem censurar por não ter escolhido metal mais leve. O facto é que vem a dinheiro palpavel, que pode tñir, que pode rebolar e que realmente corresponde a um valor qualquer, ao passo que as cédulas só podiam valer como adubo, mercadoria preciosa, sem duvida, mas demandando tal quantidade de papel-moeda para ser aproveitavel que os ganhos d'uma pessoa em muitos anos de trabalho mal chegariam para estruturar um pé de grelo.

Ora, porque a moeda de ferro tem tais vantagens sobre a porcaria atualmente em circulação, além de muitas outras, como a de se poder reduzir a pilulas para enriquecer o sangue dos anemicos, por que motivo, estando cunhada ha tanto tempo, segundo os proprios órgãos officiaes confessam, os governos a teem conservado engavetada? Terá sido para fazer ferro, por amor á semsaboria do trocadilho e ao mesmo tempo para gosar o espetáculo do suplicio de Tantaló?

Eis um misterio que não conseguimos desvendar, mas que muito provavelmente tem por origem alguma razão politica, visto que no nosso paiz nada se faz ou deixa de se fazer senão porque a politica assim o exige. Não nos julgariam até agora merecedores

de tal medida, com o tino suficiente para sabermos lidar com dinheiro a valer?

Seja como fôr, consideraremos bem-vindo e daremos acolhimento benevolo a todo aquele que se nos dirigir a revelar o enigma, e assim damos por terminado o que tínhamos a expôr acerca do dinheiro, sem que pessoalmente nos importemos que seja de papel, de ferro, de sola, de chifre ou de qualquer outra materia, porque para nós é sempre da mesma: de fogo visto, linguicã.

J. Neutral.

Pão da ultima qualidade

Referimo-nos ao pão de segunda qualidade, que é o da ultima, visto que em Lisboa ha duas qualidades de pão. Posto isto, d'uma clareza de agua pura, ficam os senhores sabendo que não teem razão alguma em se indignarem por que o tal, o da ultima qualidade, contenha quasi sempre materias extranhas á farinha de cereais.

Na nossa redação teem sido apresentadas até hoje umas duzentas variedades do dito pão, com amostras de porcarias, e na verdade vos dizemos que ainda não vimos razão para reclamações. Agrupando as principais variedades, temos visto:

1.^a — Pães com ratos mortos. Atendendo á falta de carne de vaca, não se deveriam até pagar esses pães por alto



preço, visto que veem acompanhados de carne, embora de rato?

2.^a — Sandwiches de baratas. Além da barata ser tambem uma carne apreciavel, o emprega-la no condimento alimentar não é um meio de extinguir a praga que nos infesta e que é uma das coisas mais incomodativas de Lisboa, no dizer dos estrangeiros?

3.^a — Pão de lixo. E' evidentemente recomendavel como medicamento, constituindo um vomitorio baratissimo, n'este tempo em que os remedios custam os olhos da cara.

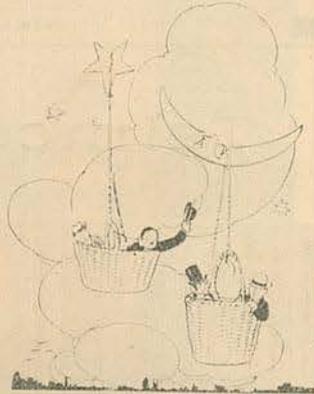
4.^a — Pão de cal e areia. Não se recomenda como alimento, mas não ha duvida de que pode ser vantajosamente empregado como material de construção.

Temos visto tambem pão com pregos, com sola de botas velhas, chifres de carneiro, etc., o que, longe de depôr contra a boa fé dos padeiros, apenas demonstra que são prodigos em desperdícios de reconhecida utilidade.

Postos aereos

Lemos que o governo vae fazer um emprestimo de 1:800 contos a fim de estabelecer postos aereos, medida que aplaudimos calorosamente, mas que não sabemos muito bem como se possa realizar. De que modo hão-de obter-se pontos fixos no espaço, se o proprio Arquimedes — o Antonio Cabreira da antiguidade — deixou de levantar o mundo na ponta d'uma alavanca precisamente por não julgar possivel encontrar-o?

Serão taes postos suspensos aos



astros, á maneira das cestinhas que as inquilinas dos 5.^{os} andares lançam na passagem dos vendedores ambulantes?

Era fineza esclarecerem-nos, não por que nos faça transtorno o dispêndio de quantia tão insignificante—n'esta altura, que diabo são 1:800 contos a mais ou a menos?—mas porque desejamos responder a numerosos leitores, que se nos dirigem a solicitar empenhos para poderem ser empregados dos referidos postos e a perguntar quaes as habilitações necessarias para taes logares.

Bem se pode dizer, até, que já estão nos ares.

Torre de Ouro

Desgarrada

O meu amor, quando saís
A vêr o campo florido
Abrem alas os pardaes
E as flores gritam: Senttdo!

II

Se eu fosse Virgílio ou Dante,
O' dea, olimpico Nume...
—Já volto, sôr estudante,
Vou pôr a panela ao lume.

III

Dois beijos mais seis são tres,
Com cinco e mais dez são um...
Deixa contar outra vez,
Supõe que não del nenhum.

LUIZ CALADO NUNES.

(De «O meu Molinho».)



Correspondencia

Ripper—Fazemos-lhe a vontadinha. Ai vão as suas quadras a Mademoiselle Ruala:

I
Da tua figura gentil
Dessa gentilisa d'amor
Meus olhos nos teus d'anil
Vão aos poucos perdendo a cor.

II
Um dia a lua a brincar
Foi a beijar-te os cabelos
Escondeu-se triste a chorar
Por tão lindos não poder te-los.

III
E' dictado muito antigo
Quem desdenha quer comprar
Eu não desdenho contigo
E outra não posso amar.

IV
A sorrir-te desdenhosa
Negaste-me o teu amor
De que te serve valdosa
O Espetaculo da minha dor?

Nada temos a acrescentar, senão que hontem á noite vimos a lua já sorridente: pelos modos está mais resignada por ser careca.

A. Crespo—... E já que estamos de maré, ai vae um dos tercetos do seu inspiradissimo soneto:

Noites de Carnaval... eu as passo na cama,
Bailes do Carnaval... en os danço sózinho
Com um lapis na mão e uma taça de vinho.

Havia de ficar fresco o sobrado!

Um incomprendido

Muitos dos nossos leitores devem ter conhecido o celebre Rosalino Candido de Sampaio e Brito, que atravessou a vida honrada e soberbamente, com fama de maluco, ao passo que outros a atravessam com fama de ajuiz-



zados, precisamente pelas qualidades contrarias.

Prêgou Rosalino Candido varias coisas excellentes--e como o consideravam telhudo, nunca ninguém lhe deu ouvidos. Pois bem: agora, que já lá vão vinte anos depois que desapareceu, vae-se-lhe fazendo justiça e pondo em practica algumas das suas idéas--não entre nós, que somos sempre tardios na sabedoria, mas no estrangeiro, em Espanha.

EM FOCO

ROBLES MONTEIRO



Sim, senhor, meu carissimo Monteiro: Fartei-me de o chamar na Emboscada E, meu amigo, não lhe conto nada Senão que é um artista verdadeiro.

Dou por bem empregado o meu dinheiro E, creia, que não menos a noitada; Representou a sua papelada, Sem o menor favor, como o primeiro.

Achei-lhe, finalmente, tanto jeito Que lhe destino um drama em que apparece

Você no figurão de mais efeito,

E para que por ele se interesse E o desempenhe sem nenhum defeito Não ha no seu papel nem um só êsse!

BELMIRO.

E' o caso que o pobre Rosalino toda a sua triste vida pugnou pelo bem estar dos humildes, em especial por que os distribuidores do correio não subissem escadas, em serviço. Pois bem: Espanha antecipou-se-nos na realização de tão justa medida, aproveitando a lembrança, como a França nos aproveitou o navio e a navegação aerea: uma simples caixa nas portas dos rezdo-chão dos predios resolve o problema.

Aplaudimos, como não pode deixar de ser, tal medida, que certamente não se fará esperar na nossa terra e já agora faremos notar que se poderia ampliar o sistema a outras classes: pois não poderia haver caixinha para o pão dos padeiros, a carne do homem do talho, as couves do vendedor de hortaliça, as salpicadinhas da costa da varina, etc.?

Pensem n'isto e verão que a idéa não é tão disparatada como parece.

Os hoteleiros com juizo

Apezar da nossa confiança nos tribunaes, se cada um não fizesse de vez em quando justiça pelas suas mãos o equilibrio social de-xaria um tanto a desejar, no caso de considerarmos equilibrio social uma não exagerada relação entre o numero de ladrões e o dos roubados.

Fundados n'este principio os hoteleiros de Lisboa deliberaram afixar em sitio bem visivel dos respetivos hoteis uma relação dos caloteiros que por eles tenham passado.

Isto é, dispensam a intervenção dos juizes, ferindo os patifes no que o homem tem de mais sensivel: na vaidade. Assim, o resultado não será menos

eficaz do que uma condenação á Penitenciaria.

E aí está uma resolução que, se fosse imitada, evitaria a pratica de muitas outros delitos. Imaginem, por exemplo, que toda as victimas dos que



nos levam pelos generos alimenticios, pelo calçado, pelo fato, pelas rendas das casas, etc., maior quantia do que a que é justo pedir, afixavam por essas ruas os nomes dos ladrões: não lhes parece que estes passariam a roubar um pouco menos e que cairiam em si os que supõem que exigir um lucro de cem por cento não equivale a empalmar-nos a carteira?

Vale a pena experimentar.

O problema da Andaluzia

Com este titulo os jornais tem publicado varias noticias, narrando as dificuldades do governo espanhol perante a crise andaluza, ssem no emtanto nos dizerem em que ella consiste.

A apostar que se trata da carestia das castanholas?

O ULTIMO BOATO



A verdade da suposta guerra entre Portugal e Hespanha.